Capítulo XIX — Fortaleza e temperança do bom Ladrão

> **Sumário.** A Fortaleza definida por santo Tomás. — A Magnanimidade, a Confiança, a Segurança, a Paciência, a Perseverança, a Longanimidade, a Humildade, a Mansidão: filhas da Fortaleza. — Todas se dão encontro na alma do bom Ladrão. — Heroísmo de seus atos. — Admiração dos Padres da Igreja.

Agir e sofrer é toda a vida humana. Para uma e outra coisa a Fortaleza é necessária. Com razão santo Tomás a define:

> *Uma disposição da alma que a firma no bem contra os ataques das paixões e as dificuldades da ação.*[1]

Como todas as outras virtudes, a Fortaleza tira o seu ser da caridade. Digamos melhor: a Fortaleza não é senão a própria caridade, que, por Deus, suporta de bom grado as contradições e as dores.[2] A medida da Fortaleza de Dimas é, pois, a de sua caridade. Ora, vimo-lo, a sua caridade foi heroica. Essas poucas palavras poderiam bastar ao elogio de nosso santo. Vejamos, contudo, alguns dos atos admiráveis pelos quais manifesta a Fortaleza de que está repleto.

> *A Fortaleza — diz são Boaventura — é mãe de uma bela e numerosa família. Suas filhas são: a Magnanimidade, a Confiança, a Segurança, a Paciência, a Perseverança, a Longanimidade, a Humildade e a Mansidão.*[3]

A Magnanimidade. — A Magnanimidade supõe a existência de suas irmãs; mas é o seu ornamento, a sua glória, o seu manto real. Nobre e generosa, toma-as pela mão e, comunicando-lhes as suas qualidades, faz que empreendam com coragem, prossigam com calma, suportem com constância, cumpram com sublime simplicidade as coisas mais difíceis e mais contrárias às inclinações da natureza.

A Magnanimidade brilha com vivo esplendor no bom Ladrão. Com coragem calma, constância sustentada, sublime simplicidade, que não se desmentem um só instante, empreende, sozinho, contra todos, a defesa de Nosso Senhor, a conversão dos judeus e a santificação de seu infeliz

cúmplice. Nas mesmas disposições, sofre não só as torturas da cruz, mas ainda a vergonha e a ignomínia, apêndice necessário desse cruel gênero de morte.

Faz talvez algo ainda mais heroico. O que mais custa ao orgulho do homem é confessar-se culpado. Se o mundo atual se afasta a olhos vistos do cristianismo, não o atribuamos nem à incredulidade, nem à corrupção dos costumes, nem às iniquidades que dela resultam, mas ao abandono do tribunal da penitência. Ah! se todos os pecadores quisessem confessar-se, a face da terra logo seria renovada. Mas que impede de confessar-se? O orgulho. Tem-se a fraqueza de pecar, mas não se tem a coragem de confessar-se culpado. Que grande exemplo dá aqui o bom Ladrão! Confessar-se em voz baixa e sem ser ouvido por ninguém, senão por Nosso Senhor, não lhe basta. Calcando aos pés o orgulho e o respeito humano, confessa-se em voz alta e em presença de todo o povo.

A Confiança e a Segurança. Que essas doces filhas da Fortaleza tenham escolhido por santuário o coração de nosso santo, a prova está no conhecimento que temos dessas virtudes.

> *A Confiança — diz santo Agostinho — pretende grandes coisas e as espera com uma certeza que nada abala.*[4]

Santo Tomás acrescenta: «*A Segurança é o perfeito repouso da alma que baniu todo temor.*»[5]

O perdão instantâneo de toda uma vida de banditismo material e moral; depois, o céu como recompensa de um arrependimento de poucas horas: como medir a grandeza de tais pretensões? Esperar esses incompreensíveis favores com uma segurança que já se assemelha à posse, tanto é inacessível à dúvida, não é o heroísmo da virtude?

A Paciência.

> *Segundo são Boaventura, a Paciência é uma virtude que faz suportar, com igualdade de ânimo, todas as injúrias e todas as adversidades.*[6]

Tanto quanto o ilustre advogado de Jesus crucificado se tinha por seguro da felicidade da outra vida, tanto se mostrou paciente em sofrer as penas desta. A flagelação reduzira-lhe a carne a tiras, os pregos lhe tinham furado os pés e as mãos; as dores de Nosso Senhor tinham-se tornado as suas; sofria além do que a imaginação pode conceber: contudo, nem uma queixa.

Na lembrança de suas faltas passadas, hauria uma paciência heroica e contentava-se em dizer: Mereci-o: *Nos quidem juste*. Admiramos os mártires, que expiram alegremente em meio às torturas; mas ao menos podiam dizer: Não o mereci. Imensa consolação, cuja ausência faz sobressair a força excepcional da paciência do bom Ladrão.

A Perseverança e a Longanimidade. Manter no seu estado de perfeição as diferentes virtudes que acabam de ser assinaladas, mantê-las até o dia desconhecido que as deve coroar, mantê-las sem que a alma perca um instante a sua calma e a sua serenidade: tal é o ofício das duas novas filhas da Fortaleza, a Perseverança e a Longanimidade.[7]

Desde o momento em que Dimas entrou na gloriosa carreira da santidade, não se desmente. Nada o detém em sua carreira. Os olhos e o coração fixos no céu, permanece inabalável em sua paciência heroica, em sua confiança heroica, não contando para nada as penas que suporta e disposto a suportá-las enquanto Deus quiser. Suporta-as, com efeito, até o momento em que a sua alma bem-aventurada recebe a coroa dos confessores e a palma dos mártires.

A Humildade e a Mansidão. Até aqui vimos as filhas primogênitas da Fortaleza adornar a alma do bom Ladrão, imprimindo-lhe esse nobre caráter de grandeza que realça o brilho de todas as suas virtudes. Eis as suas irmãzinhas, que vão dar o último toque à perfeição dessa alma de elite. Na Escritura, Nosso Senhor, o divino modelo da humanidade, é chamado ora *«o Leão da tribu de Judá»* , ora *«o Cordeiro de Deos»*. Leão: é a força; Cordeiro: é a doçura. A união dessas duas virtudes é a perfeição.

Na defesa do Salvador, Dimas mostrou-se forte como um leão; eis que vai mostrar-se humilde e dócil como um cordeiro. Humilde, confessa-se culpado e digno do patíbulo. Humilde, não tem nenhuma confiança em si mesmo, espera tudo da infinita bondade do Deus de misericórdia que expira a seu lado. Uma simples lembrança é tudo o que ousa pedir-lhe.[8]

Dócil como um cordeiro, está no matadouro. Ele, feroz, violento, cruel além do que se possa dizer, suporta, sem abrir a boca para queixar-se, as injúrias dos espectadores, a vergonha de seu suplício, dores físicas e morais cuja intensidade não tem nome, porque não tem medida de comparação. Dir-se-ia que é outro quem sofre por ele, tão calmo está, tão insensível parece.[9]

Concluamos com um grande Cardeal:

> *Quereis ver um milagre do poder divino? Vinde contemplar Dimas na majestade de sua fortaleza. Todo o colégio apostólico, a elite da graça, abandona, transtornado, o divino Mestre e foge. Só o bom Ladrão, no meio dos judeus frementes, permanece intrépido. Afirma a inocência do Senhor: prodígio de fortaleza. Não enrubesce de confessar publicamente que é culpado e digno do castigo que sofre: outro prodígio de fortaleza.*[10]

Reservemos, contudo, uma parte de nossa admiração para outra virtude do bem-aventurado Dimas.

A Temperança. Que é um homem temperante? Santo Agostinho responde:

> *O homem temperante é aquele que, entre as coisas perecíveis e fugazes desta vida, segue a regra traçada no Antigo e no Novo Testamento. Essa regra consiste em não amar nem desejar nenhuma dessas coisas por si mesma, mas em servir-se delas, tanto quanto o exigem as necessidades da vida e o cumprimento do dever, com a moderação de um usufrutuário, não com a paixão de um amante.*[11]

Assim, moderar as afeições da alma, mantendo-as igualmente afastadas do demais e do de menos, é a obra geral da Temperança. Seu principal exercício é reprimir a mais imperiosa paixão do coração humano, o orgulho. Ora, a experiência ensina que o orgulho flutua sem cessar entre o desânimo e a presunção.

Longo tempo escravo dessa paixão, vede como nosso santo a calca aos pés! Bem hábil seria quem descobrisse o menor traço de desânimo ou de presunção no convertido do Calvário. Está a ponto de morrer; atrás de si, toda uma vida de crimes dignos da pena capital; diante de si, o juiz inexorável que o espera no limiar da eternidade. Credes talvez que esse duplo pensamento vai lançá-lo no desespero? De modo nenhum. Pela humilde confissão de suas faltas, venceu o orgulho, e o orgulho vencido cedeu lugar em seu coração à confiança.

Ao menos a consciência do perdão não lhe vai inspirar algum sentimento de ambição pessoal, torná-lo presunçoso em suas palavras ou pretensões? Crê-lo seria erro. O perfeito amor de que está cheio por Nosso Senhor expulsou o orgulho, e o orgulho é o egoísmo. Dimas, é verdade, pede o céu; mas é muito mais pela glória de Jesus do que pela sua. Seu amor, vimo-lo, não é um amor mercenário. É um amor tão desprendido de todo interesse pessoal que o torna digno de entrar imediatamente na morada da felicidade. Pede o céu; mas com uma modéstia que todos os Padres da Igreja celebraram e que todos os séculos admiram: *«Memento mei: Lembrai-vos de mim.»*[12]

O esboço precedente permitiu-nos reconhecer, no bom Ladrão, as sete virtudes cujo heroísmo é necessário à canonização dos santos. O que lhes realça o brilho é vê-las jorrar, num piscar de olhos, dessa alma de salteador de estrada. O poder da graça e a bondade de Deus foram jamais tão dignos de admiração e de reconhecimento?

É admirável esse grande Deus quando, no primeiro dia da criação, o ouvimos dizer: *«Faça-se a luz; e foi feita a luz.»* Admirável, quando a cada uma de suas palavras vemos sair, cheias de vida, dos abismos do nada, as inumeráveis criaturas que povoam a terra, os ares e os mares. Admirável em todos os prodígios que, durante a vida do povo judeu, manifestam, com esplendor ofuscante, a sua autoridade soberana sobre os elementos.

Mas, quanto o mundo das almas excede o mundo dos corpos, tanto as maravilhas de Deus na ordem da graça são superiores às suas maravilhas na ordem da natureza. Se, pois, as belezas visíveis a nossos olhos corporais arrebatam a nossa admiração e chegam às vezes a lançar o coração no delírio, em que êxtase não nos devem lançar as belezas que se descobrem aos olhos da fé? Entre todas, perguntamos se há alguma que possa rivalizar com a conversão radical, instantânea, heroica do bom Ladrão. Saibamos, pois, admirá-la e, admirando-a, amar Aquele que a

opera.

Notas

[1] *Fortitudo est quædam dispositio animæ, per quam firmatur in eo quod est secundum rationem, contra quosdam impetus passionum vel operationum labores.* («A fortaleza é certa disposição da alma, pela qual esta se firma no que é conforme à razão, contra certos ímpetos das paixões ou os trabalhos das operações.») I-II, q. 61, art. 4, no corpo.

[2] *Fortitudo est amor omnia propter Deum facile perferens.* («A fortaleza é o amor que tudo suporta facilmente por Deus.») S. Agostinho, *De Morib. Eccles.*, cap. XV.

[3] *De Fortitudine oritur Magnanimitas, Fiducia, Securitas, Patientia, Perseverantia, Longanimitas, Humilitas et Mansuetudo.* («Da Fortaleza nascem a Magnanimidade, a Confiança, a Segurança, a Paciência, a Perseverança, a Longanimidade, a Humildade e a Mansidão.») *De quat. Virt. card.*, no fim.

[4] *Fidentia est per quam multum ipse animus in se fiduciæ cum certa spe collocavit, rebus magnis et honestis.* («A confiança é aquela pela qual o próprio ânimo depositou em si muita fiança, com esperança certa, em coisas grandes e honestas.») Serm. II *De Verb. Dom.*

[5] *Securitas est quædam perfecta quies animi a timore.* («A segurança é certo perfeito repouso do ânimo quanto ao temor.») II-II, q. 129, art. 7, no corpo.

[6] *Patientia est virtus contumeliarum et omnis adversitatis æquanimiter mala portans.* («A paciência é a virtude que suporta com ânimo igual as injúrias e todos os males da adversidade.») *Pars. III Concil.*, sect. XLIII.

[7] *Perseverantia est fortitudo figens in assiduitate operis, ne finaliter opus deseratur.* («A perseverança é a fortaleza que fixa na assiduidade da obra, para que a obra não seja afinal abandonada.») Gerson, part. IV, *Termin.*, cap. *Fortitudo*.

[8] *Vera humilitas est quando aliquis nihil ex suis viribus præsumit, sed totum ex divina virtute impetrandum exspectat.* («A verdadeira humildade é quando alguém nada presume de suas próprias forças, mas espera obter tudo da virtude divina.») S. Tomás, *Opusc.* V, *Super Pater noster*, petit. 5.

[9] *Mansuetudo est virtus quæ disponit cor ad hoc, ut nec injurias, nec verbera, nec contumelias sentiat.* («A mansidão é a virtude que dispõe o coração a não sentir nem injúrias, nem açoites, nem afrontas.») Hugo de São Caro, *In epist. Jacob. apost.*, cap. III.

[10] *Mirabilis divina potentia! Tota illa beatorum apostolorum electio, relicto Domino, perturbatur et fugit. Latro inter sævientes Judæos manet intrepidus, Christum asserit innocentem, et se reum publice dicere non erubescit, nec suum confiteri reatum.* («Admirável poder divino! Toda aquela eleição dos bem-aventurados apóstolos, abandonado o Senhor, perturba-se e foge. O ladrão

permanece intrépido entre os judeus enfurecidos, afirma inocente a Cristo e não se envergonha de dizer-se réu publicamente, nem de confessar a sua culpa.») Godofredo de Vendôme, cardeal de Santa Prisca, Serm. X, *De S. Latr.*

[11] *Habet vir temperans in hujusmodi rebus mortalibus et fluentibus vitæ regulam utroque Testamento firmatam, ut eorum nihil diligat, nihil per se appetendum putet: sed ad vitæ hujus atque officiorum necessitatem, quantum sat est, usurpet, utentis modestia, non amantis affectu.* («Tem o homem temperante, nestas coisas mortais e fugazes, uma regra de vida firmada em ambos os Testamentos: que nenhuma delas ame, nenhuma julgue digna de ser desejada por si mesma, mas que, para a necessidade desta vida e dos deveres, delas se sirva quanto basta, com a modéstia de quem usa, não com o afeto de quem ama.») *De Morib. Eccl.*, cap. XXI.

[12] *Vide temperantiam hujus latronis, quia non dicit: Fac me beatum; sed petit illud quod placet ipsi Deo, cum dicit: Memento mei.* («Vê a temperança deste ladrão, pois não diz: Faze-me bem-aventurado; mas pede o que agrada ao próprio Deus, quando diz: Lembra-te de mim.») S. Bernardo, Serm. XLV, *De Venerat. SS.*

Revision #1
Created 25 November 2026 00:40:14 by Admin
Updated 25 November 2026 00:40:14 by Admin